



2752

J.R.Sousa

2752

Por J.R. Sousa

Caro leitor, esta é uma obra de Ficção Científica cuja função é entretê-lo nas horas de tédio dos dias atuais. Esta história foi criada com o intuito de leva-lo a uma viagem por outra época, onde nenhum dos problemas atuais existem, porém, outros problemas reinam. Espero que goste e que a literatura esteja sempre com você.

Índice

Capítulo I – Eu Tenho Uma Estranha
Experiência

Capítulo II – Eu Conheço o Novo Mundo

Capítulo III – Sou Deixado a Própria Sorte

Capítulo IV – A Nova Família e os Planos do
Capitão

Capítulo V – O Mar de Metal

Capítulo VI – A Viagem

Capítulo VII – A Fuga

Capítulo VIII – A Finlândia

Capítulo IX – A Chegada à São Petersburgo e
o Que Se Segue

Capítulo X – O Cerco de Moscou

Capítulo XI – A Máquina de Realidades

Capitulo I

Eu Tenho Uma Estranha Experiência

28 de Maio de 2013, terça-feira. Olá, eu sou Ronald Estrada e estou aqui para lhe contar minha história. Sei que muitos dirão que é mentira, mas eu afirmo com 100% de certeza que aconteceu. Não vou pedir para acreditar, afinal, isso vai de cada um, mas por favor, leia.

Eu era um homem famoso em meu mundo... Não, eu não sou um alienígena, apenas leia a história e saberá do que estou falando.

Ah dois meses, eu era um escritor renomado que precisava de uma história para o seu novo livro de ficção científica.

Em minha casa no Rio de Janeiro, eu passava noites inteiras acordado tentando criar algo que pudesse me pôr no topo novamente. Queria que o livro ficasse famoso a ponto de ser lido no mundo todo.

Minha história tinha que ser perfeita para que pudesse prender as pessoas ao livro até que terminassem de ler, mas por mais que eu tentasse, nada vinha a minha cabeça. Era como se o destino me dissesse para desistir, e eu quase o fiz.

Em um dia, após muitas tentativas e fracassos, minha esposa, Emanuele Estrada me deu um conselho valioso que me deu toda a história de que precisava.

Enquanto eu pensava na frente do meu computador, ela tocou meu ombro, e beijou-me no rosto. Seu beijo ainda era tão reconfortante quanto no dia de nosso casamento. Tendo feito isso, me disse com a voz mais doce do mundo. - Você fica dia após dia nesse trabalho e até agora não saiu nada. Porque não dá uma volta para se inspirar? Quem sabe não está na rua a história de que precisa?

Após ouvir tais palavras, fitei a tela de meu computador e vi uma página vazia, apenas escrito no alto “Capítulo 1”.

Me dei conta de que estava certa. Era óbvio que não conseguiria nada assim. Levantei-me da cadeira e olhei para o relógio que ganhei no último natal. Era reluzente e tinha o formato do gorro do Papai Noel, e em seu marcador apontava 16:27. Eu estive desde as 13:00 horas sentado na frente de uma máquina e a única coisa que escrevi foi “Capítulo 1”. Eu já estava cheio daquilo, e não suportaria mais um dia ou noite assim. Olhei para Emanuele e era a visão mais linda de todo o mundo, com seu vestido azul e seus longos cabelos loiros, ela me olhava com seus brilhantes olhos azuis e eu me senti um homem de sorte

por me casar com uma mulher como ela, pois não era só linda, era dócil e me apoiava em todas as minhas loucuras. Minha linda Emanuele era a melhor pessoa do mundo, e sinto muito sua falta. Mas isso é algo que explicarei mais tarde.

Ao ver Emanuele diante de mim, não pude me conter e abracei-a da forma mais apertada que pude, e senti seu doce cheiro de mel. Nunca quero esquecer seu rosto ou cheiro, apesar de não ter nem uma fotografia sua. Após o abraço, decidi acatar o conselho de minha esposa. Tomei um banho, vesti minha nova calça *jeans* e minha camiseta branca, a roupa que sempre uso para sair, e após colocar meus tênis All Star azuis, dei um beijo em

Emanuele e saí, com as chaves no bolso esquerdo e um celular no direito. Prometi a mim mesmo que não voltaria até ter uma história. Peguei o elevador e desci ao primeiro andar, onde encontrei o ranzinza Sr. Neves. Vou fazer uma descrição rápida. O Sr. Neves na verdade era Jonatan Hans Neves, ele era filho de um alemão com uma brasileira e durante a 2ª Guerra Mundial, lutou com a FEB na Itália, mas sempre era discriminado por seus colegas por ser de descendência alemã. Mesmo após a guerra, sofreu inúmeros preconceitos por sua descendência, sendo constantemente chamado de nazista. Da pra imaginar como alguém com uma vida dessas deve ter ficado. Um homem solitário e ranzinza cujo único amigo era seu cão chamado Luke.

Voltando à história, o Sr. Neves fitou-me como se quisesse me derreter com seus bravos e cansados olhos verdes, olhava assim para todos no prédio e provavelmente seria assim pelo resto da vida. Pobre homem, condenado a uma vida triste e solitária. Passei direto por ele e ignorando-o, fui direto para a saída do prédio.

Ainda não contei sobre meu bairro não é? Ele se chama Elói, e fica bem perto do litoral. Uma maravilha de lugar, com suas ruas calmas e sua arquitetura Nova Yorkina. O melhor lugar para se viver em todo o Rio de Janeiro.

Após sair do prédio, vi que não demoraria muito para começar a chover, eu tinha de voltar para casa rápido. Parei no meio da calçada e pensei durante alguns minutos.

‘Qual seria o melhor lugar para criar uma boa história?

Talvez a praia.’

Andei então rumo ao litoral, uma boa caminhada na areia provavelmente abriria minha mente para uma boa história.

Apesar das nuvens de chuva no céu, o fim da tarde tinha um clima bem agradável. Algumas pessoas voltavam para suas casas após um dia de trabalho, os pássaros procuravam algum lugar para se proteger da chuva e em uma esquina, um cão guiava seu dono cego até sua casa.

Após virar a esquina de minha rua com a rua Cobain, passei por uma banca de jornais e sem nenhum objetivo especial, corri meus olhos por um jornal vendo rapidamente uma notícia.

“CHEGA AO BRASIL A CRIOGENIZAÇÃO DE PACIENTES QUE ESTEJAM EM CASO MUITO GRAVE PARA SEREM TRATADOS DE DOENÇAS OU FERIMENTOS”

A notícia era animadora, eu já havia ouvido falar disto na TV, e já estava na hora de este método chegar ao Brasil. Apesar de boa, não era uma notícia que me fazia comprar um jornal e sem dar muita bola, passei direto pela banca.

Após virar algumas esquinas, pude perceber que estava bem mais perto do mar. Havia poucas casas e a falta de carros na rua permitia-me ouvir as ondas do mar quebrarem contra a areia da praia. Andei por mais uma rua e de longe já podia ver o Sol que se escondia aos poucos de trás das nuvens negras do fim do dia, até que se foi. E o mar frio, atacava a areia e até mesmo meus pés quando cheguei mais perto. Uma brisa gelada vinha em minha direção e estava quase escurecendo quando decidi voltar. Não pensei em nada promissor, mas na volta para casa, quem sabe não viria algo?

Corri da praia ao sentir o primeiro pingo de chuva a tocar minha cabeça. Não seria uma boa experiência me molhar todo só para conseguir uma história.

Quando cheguei à esquina da rua James, a chuva ficou mais intensa, chegando a me encharcar todo. Não demorou muito para a rua estar totalmente molhada e escorregadia, um carro correndo por ali não se daria muito bem. A noite chuvosa era densa e apesar dos postes de iluminação, era difícil ler as placas com os nomes das ruas. Em meu bolso, meu celular pifou ao entrar em contato com a água que caía. Nenhum taxi e nem mesmo ônibus passava no local e eu ainda estava longe de casa. Sabe, é nessas horas que você começa a pensar que a natureza não vai com a sua cara. Após longos 30 minutos, eu finalmente cheguei à rua Cobain novamente, e após virar a esquina, já conseguia ver com certa dificuldade o prédio onde eu morava, estava do outro lado da rua. Seria uma questão de tempo até eu estar são e salvo em minha cama quente ao lado de minha linda esposa.

A pressa era tanta que simplesmente atravessei a rua. Eu devia ter olhado para ver se não tinha carro, mas eu não o fiz. Três passos e então ouvi uma alta buzina cujo som conseguia ser mais alto que o da tempestade. Olhei para o lado, e uma forte luz amarela vinha em minha direção, até que tudo escureceu. A partir daí, não me lembro de mais nada até o hospital. Eu acordava de vez em quando e me via em uma maca sendo transportado para o que parecia ser uma cirurgia. Por algum motivo, não conseguia falar e apenas sentia como se uma manada de elefantes tivesse passado por cima de mim. Ao meu lado, a empurrar a maca, eu podia ver o que parecia ser uma enfermeira, não vi direito, pois minha visão estava embaçada, mas minha audição estava ótima e ouvi-a resmungar sobre o que parecia ser um acidente.

- Como alguém é atropelado por um caminhão e ainda sobrevive? Só pode ser um milagre.

E esta era a ultima coisa da qual eu me lembrava antes de apagar novamente. A esta altura, eu já havia me acostumado á escuridão, porém, desta vez tinha uma forte sensação de frio, algo que me congelava até a alma e paralisava todos os meus sentidos, até sobrar apenas a consciência.

Após alguns segundos de escuridão e frio, a visão voltava e eu via um pequeno ponto de luz que ficava cada vez maior, e em seguida uma voz feminina e levemente robótica acordava minha audição.

- Número 47B, descongelado.

Não entendi direito o que estava acontecendo e não conseguia mover meu corpo. O frio ia diminuindo lentamente agora e a luz de antes, agora se mostrava ser uma lâmpada. A silhueta de alguém estava a minha frente, porém, não consegui ver direito quem era. A tal pessoa sem dizer nenhuma palavra, me pegou e carregou-me no ombro.

Apesar de estar atordoado, pude perceber que estávamos em uma sala de paredes brancas e algumas mesas reviradas estavam no caminho até a porta. Em uma das paredes, haviam em torno de 10 ou 15 capsulas de vidro e parecia que eu havia sido tirado de uma delas. Em minha mente eu tentava entender o que estava acontecendo, porém, não conseguia imaginar nada que me parecesse possível.

Após um tempo com a pessoa me arrastando pelo ombro, nós finalmente chegamos à porta e neste momento eu pude mover meu corpo novamente. Minha fala também voltou a funcionar após eu ficar o que me pareceram alguns minutos sem poder fazer absolutamente nada, inclusive falar.

- O que está acontecendo? - Perguntei com voz fraca devido as minhas condições.

Após ouvir o som de minha voz, a pessoa que me carregava me pôs no chão e eu pude ver melhor seu corpo, apesar de estar coberto por uma espécie de armadura. Suas vestes eram brancas e negras em um tom listrado, em seu

rosto estava o que me pareceu ser uma máscara de respiração, e de fato eu podia ouvir sua respiração ofegar enquanto descansava de me carregar. A única parte de seu corpo que dava para ver era seu cabelo, liso e acinzentado por uma poeira que por algum motivo que eu desconhecia estava sujando-lhe as mechas.

- Consegue andar? - Perguntou-me com voz feminina, e em seguida se levantou.

- Sim, eu acho que consigo - Respondi sem pensar muito nas coisas.

Era muito estranho para mim tudo o que estava acontecendo, me parecia estar em um mundo totalmente novo, algo que nunca havia visto antes. Ainda com dificuldade, pus-me de pé e vi que eu era alguns centímetros mais alto do que a pessoa a minha frente.

Sem ter o que fazer, tornei a fazer minha pergunta.

- O que está acontecendo?

- Depois eu explico-lhe os fatos, - Dizia quem parecia ser uma mulher - por hora temos que sair daqui.

A tal mulher parecia-me séria demais para dar motivos de que não cumpriria com sua palavra. As circunstâncias me fizeram crer que não adiantaria insistir por hora e apenas acenei com a cabeça. Quase que imediatamente, a tal mulher colocou-me uma máscara de respiração como a dela, o que me assustou de início, mas não resisti em nada, pois ainda me encontrava um pouco fraco.

A tal mulher abriu de leve a porta e antes que saíssemos, olhou para todos os lados como se procurasse se esconder de alguém que poderia estar por lá. Após as precauções, saímos no que parecia um largo corredor de hospital. Um lugar amplo, com muitas portas e ao seu final, uma porta ainda maior que parecia dar ao ar livre.

- Vamos em silêncio. - Disse-me a mulher em voz muito baixa, e saímos pelo corredor em passos silenciosos, nosso destino era a porta ao ar livre.

Após lá chegarmos, vi que se dava para a rua e parecia-me diferente de qualquer rua que eu já vira. Os prédios eram

tão brilhantes que pareciam emitir luz própria. Apesar desta beleza, a rua parecia ser um lixão. Muitos papéis estavam jogados pelas calçadas e a sujeira se estendia por uma estrada estranhamente branca. A noite era tão escura que nem mesmo a Lua era vista no céu negro, e nem mesmo as estrelas. Não havia nada nem ninguém além de um caminhão militar no meio da rua, mas por algum motivo, este não tinha as rodas, em seu lugar, apenas uma cobertura, como se não fosse projetado para andar. Nele estavam algumas pessoas e a tal mulher que me conduzia, levou-me até lá.

Com a ajuda das pessoas dentro, subi na caçamba e antes que pudesse perguntar alguma coisa, cai de cansaço sobre o ombro de alguém e adormeci.

Capítulo II

Eu Conheço o Novo Mundo

Acordei no que parecia ser um porão mal iluminado (e depois, descobri que de fato era), acima de mim piscava uma lâmpada fraca que parecia estar com algum defeito. Ao me lembrar do ocorrido, de súbito dei um salto de onde estava deitado e pude perceber que era uma espécie de mesa de bilhar. A minha volta, algumas pessoas conversavam e algumas delas olharam-me quando saltei da mesa. Quase que imediatamente começou a correria de alguns que corriam na direção de uma porta e sussurravam em uma espécie de idioma que me pareceu ser o inglês, mas depois de alguns segundos, percebi que não era. Após mais ou menos uns 20 ou 30 segundos que entraram na tal porta, saíram de lá com uma jovem baixa de cabelos lisos e negros, não devia ter mais de 19 anos e estava séria. Vinha andando em minha direção e senti um pouco de medo no momento de sua aproximação, porém, concluí

que não devia me fazer mal, pois se não já o teria feito enquanto estava desacordado na mesa de bilhar.

Ao chegar a minha frente, a jovem começou e falar:

- Olá, eu me chamo Deidara. Como se chama?

- Ronald. - Respondi-lhe ainda um pouco confuso. - Onde estou? O que está acontecendo? E quem são vocês?

- Está em Elói... está acontecendo uma guerra e... nós somos a resistência humana.

Fiquei a olha-la esperando que me dissesse que era brincadeira mas ela me fitava tão séria quanto uma estátua e eu senti imediatamente a necessidade de saber exatamente tudo o que estava acontecendo.

- Pode me explicar desde o início?

Ela sentou-se em cima da mesa e principiou a explicar.

- Nós estamos no ano de 2752 e estamos em meio a uma guerra contra as máquinas do mundo. No ano de 2679, a tecnologia de inteligência artificial em robôs chegou ao seu auge e as máquinas se tornaram quase humanas.

Demonstravam amor, tristeza, alegria e até ódio. Porém o ódio que era artificial, tornou-se algo aparentemente real, e como os robôs não foram tratados como humanos, muitos deles se rebelaram contra nós. Começou no lugar que você provavelmente conhece como Rússia. Robôs saíram pelas ruas e atacaram as pessoas em Moscou. As notícias corriam rápido naquela época e em questão de segundos, todos no mundo já estavam sabendo do ocorrido, inclusive os outros robôs. Ao saberem do que aconteceu na Rússia, quase todos se rebelaram contra os humanos e se iniciou uma guerra sangrenta em todo o mundo. Carne contra metal, sentimentos contra razão. O ocorrido ficou conhecido como a Revolta das Máquinas. Com a capacidade de evolução cerebral das máquinas, tem ficado cada vez mais difícil resistir a elas e por isso, começamos a resgatar todo tipo de ajuda do passado para nos auxiliar nesta batalha.

- Tudo bem... - Disse-lhe eu, ainda sem acreditar em uma palavra sequer. - Mas como eu vim parar aqui?

- Eu já ia chegar lá. Você provavelmente sofreu algum acidente grave ou contraiu uma doença incurável, pois foi colocado no programa de criogenização que chegou a esta região por volta do início do século XXI. Você esteve congelado por prováveis 700 anos, e ontem eu te tirei do hospital.

Minha mente estava confusa depois de tudo isso, e não cosegui dizer uma palavra. O que Deidara dissera, de alguma forma fazia sentido em minha cabeça. O acidente com o caminhão, o hospital, a sensação de frio e a rua tecnológica e abandonada da qual eu não conhecia uma polegada sequer. Tudo fazia sentido apesar de ser totalmente improvável. Neste momento, eu só desejei que aquilo tudo fosse um sonho, mas por mais que fechasse os olhos e me beliscasse, quando abria as pálpebras, lá estava eu novamente naquele porão sujo, rodeado de pessoas estranhas e com Deidara ao meu lado. Todo esforço era inútil, nunca mais veria meus amigos e nem Emanuele, a esta altura, até mesmo do senhor Neves eu tinha saudades. Depois de me recompor, pensei em algo e imediatamente olhei pra Deidara e lhe fiz minha pergunta.

- Existem outros... como eu? Quer dizer, não é possível que eu seja o único neste programa, deve haver mais gente.

- De que ano você vem? - Perguntou-me Deidara tão imediatamente que quase interrompeu minha pergunta.

Não tardei a responder e disse-lhe.

- Sou de 2013, o ano do qual pretendo voltar. Aliás, vocês têm uma máquina do tempo aqui em 2752?

- Se tivéssemos algo assim, já teríamos voltado no tempo e impedido que esta guerra começasse. A propósito, existem sim outros como você, mas o senhor parece ser o mais velho aqui.

Não gostei do modo como ela me chamou. Dava a impressão de que eu era velho, apesar de que agora eu tinha 767 anos de idade.

Durante mais algumas horas ali, Deidara aproveitou para me dizer sobre os avanços da tecnologia desde meu tempo

até 2752, e achei interessante algumas delas, como a antena de energia (aparentemente uma antena que absorve energia da Terra e recarrega automaticamente qualquer aparelho elétrico que passasse por perto), e a clonagem criogênizada de órgãos (que consistia em clonar os órgãos do corpo e congela-los para que pudessem ser usados no próprio dono se este um dia precisasse, e acredite, isso acabou com as filas de espera por órgãos compatíveis nos hospitais).

Após horas de conversa entre eu e Deidara, já havíamos nos tornado bons amigos, quando um grande tremor de terra nos atingiu e uma correria de todos se iniciou no local.

Deidara colocou imediatamente uma máscara de respiração e percebi que todos faziam o mesmo. De repente um homem trajado com aquela estranha roupa listrada adentrou o local e pôs-se a gritar em um idioma que eu não conhecia.

- Robs attacked, comb, comb! – Era o que ele dizia e todos se puseram a correr em direção a porta.

Capítulo III

Sou Deixado a Própria Sorte

Sem entender nada do que estava acontecendo, corri igualmente em direção à porta e saí em uma sala maior do que a que eu me encontrava antes. Apesar de grande, a sala era muito suja, como se não fosse limpa à 50 anos. O teto era baixo e haviam teias de aranha por toda parte. O que mais me chamou a atenção neste lugar, foi a grande quantidade do que me pareceram armas (no quesito aparência, elas não mudaram muito). Eram longos rifles negros que aparentemente disparavam lasers brancos.

As pessoas passavam por mim com pressa e cada uma pegava uma arma e em seguida saía por outra porta que havia no local. Senti alguém puxar meu braço com força suficiente para me fazer perder o equilíbrio por alguns segundos, e quase caí em cima de Deidara, a autora do puxão. Em sua mão estava uma máscara de respiração e ela a colocou em mim. Não havia notado antes, mas o ar respirado com a máscara parecia totalmente puro, como se não tivesse nenhuma bactéria sequer. Após me pôr a mascada, Deidara pegou duas armas e me entregou uma.

Eu não sabia atirar e nem sequer sabia o que estava acontecendo, mas não tinha muita escolha, então apenas peguei a arma e esperei que a jovem me dissesse algo, e ela logo o fez.

- Se ver que está em perigo, defenda-se. Para atirar, basta puxar o gatilho, tenho certeza que também era assim com

as armas de sua época. Não saia de perto de mim por nem 1 segundo.

E após dizer tais palavras, saiu pela porta que dava a uma espécie de casa que se encontrava em péssimo estado. Me pus a correr logo atrás dela, e após subirmos uma escada dentro da casa, saímos direto na rua. Era dia agora e o Sol parecia menor no céu, nunca o havia visto tão pequeno. Na rua, pela longa e estranha estrada branca, meia dúzia de pessoas corriam de costas atirando em alguma coisa, e segui com Deidara para o mesmo lado que tais pessoas, sem olhar para trás. As coisas pareciam sérias demais para tal. Após seguir Deidara pelo que me pareceu uma eternidade, entramos em um beco estreito a nossa direita e nos abaixamos de traz de uma caçamba de lixo. Esperamos por alguns minutos apenas ouvindo o barulho do combate.

Fortes passos no chão, que chegavam a fazer tremer as coisas e o som agudo das armas e gritos desesperados das pessoas que eram mortas.

Após ouvir aquilo por um tempo, minha curiosidade superou todos os meus medos e me inclinei um pouco para olhar pelo lado da caçamba, e o que vi foi algo que nunca irei esquecer. Sentinelas gigantes (aproximadamente 4 metros de altura), com duas pernas e duas metralhadoras a laser no topo passaram atirando nas pessoas que corriam na rua e lutavam por suas vidas. Foi o que vi antes de Deidara me puxar de volta para o esconderijo, mas aqueles 5 segundos nunca sairão de minha memória.

Fiquei agachado de arma em punho ao lado de minha jovem guia enquanto os passos e tiros das sentinelas ficavam cada vez mais distantes, até que não os ouvimos mais.

Após 1 minuto de silêncio total, Deidara se levantou e olhou por cima da caçamba para ver se estava tudo seguro, porém, o que vira pareceu ser inconclusivo, pois se levantou e me disse com voz tremula.

- Vou ver na esquina se é seguro, fique aqui e não saia até eu dizer para sair.

Após tais palavras, principiou a andar vagarosamente pelo estreito beco até a esquina. Levantei-me para ver por cima da caçamba e vi a jovem a olhar de um lado para o outro com muito cuidado. Após ter certeza, olhou para mim e fez sinal para segui-la, mas após eu sair de trás do esconderijo, fez rapidamente um sinal para parar, e em seguida apontou sua arma para algum lugar e disparou 2 tiros antes de sumir no ar. Pareceu um pesadelo, a única amiga que eu havia feito neste mundo estranho, parecia agora estar morta, desintegrada por uma arma futurista.

Cai de joelhos ao ver tal cena e após alguns segundos, tratei de novamente me esconder.

Fiquei sentado de trás da caçamba por um longo tempo torcendo para que não me achassem. Apesar do medo, não conseguia deixar de sentir raiva de tudo isso. Uma jovem de prováveis 19 anos havia acabado de morrer diante de meus olhos apenas para me salvar, e agora, eu me encontrava em um mundo totalmente estranho, no qual ninguém falava minha língua e eu poderia ser morto a qualquer momento.

Após o que me pareceram 10 minutos escondido atrás da caçamba, principiei a chorar, bem baixinho para que não fosse encontrado e após um tempo, percebi que estava embaçando o visor de minha máscara. A máscara era algo que eu iria guardar, afinal, foi uma espécie de presente dado a mim, por minha única amiga naquele mundo cruel.

Para garantir que não seria morto, passei o resto do dia e da noite sentado ali. Pensei em como sempre achei os dias atuais (2013) difíceis e cruéis, e percebi que minha época era ótima comparada a este inferno. Passei apenas 1 dia em 2752, e já não aguentava mais esta época.

Contemplei durante a noite, o céu escuro, sem nenhuma estrela ou Lua, e perguntei a mim mesmo o que poderia ter acontecido para tal. O que houve com os astros? Esta era uma das muitas dúvidas que eu tinha.

Durante toda a noite, a fome castigou-me o estômago e cheguei a pensar em procurar algo para comer no meio do

lixo, mas após pensar melhor, optei por não fazer, e cheguei à conclusão de que sentiria menos fome se dormisse, mas pensei nos robôs e minha paranoia falou mais alto, tão alto que me manteve acordado. Após aquela longa e dolorosa noite, o céu começou a clarear e o dia nasceu, tão lento que cheguei a pensar que o tempo havia parado. Levantei-me com dificuldade para espiar a rua, e estava tão quieta quanto a superfície da Lua. Após algum tempo hesitando, finalmente tomei coragem e fui até a esquina onde no dia anterior, Deidara havia morrido. Vi uma rua totalmente vazia, com corpos e robôs jogados por todo lado. Fitei o local onde Deidara morreria a procura de algum vestígio seu, mas nada havia, nem sequer sua arma ou mascara.

Caminhei cambaleando pela rua apenas com a arma em punho. A esta altura, o perigo era a menor das minhas preocupações, eu precisava comer algo, e rápido, ou morreria de fome.

No fim da rua, fiquei surpreso em ver que uma das sentinelas havia sido destruída pelos humanos. Estava abandonada ainda em chamas no meio do cruzamento. A rua James, que no passado era a mais movimentada de Elói, parecia agora uma rua fantasma, com os prédios (dos quais eu não conhecia mais) destruídos e as lojas saqueadas. Fiquei surpreso de ainda conservarem a velha placa da rua.

Na calçada de uma esquina vi um homem com um boné como aqueles que as pessoas usavam no início do século XX. Usava uma mascara como eu e tinha uma arma em suas mãos. Ao ver-me, apontou-me o rifle com o susto, mas depois veio em minha direção e ajudou-me a ir até a calçada. Em seguida me levou para dentro de uma casa, na qual tinham mais pessoas e colocaram-me em uma cama confortável. Eu nunca havia sido tão bem tratado desde que fui tirado do hospital por Deidara (que Deus a tenha). Vendo-me confortável e na companhia de outros como eu, comi rapidamente dois biscoitos e cai no sono.

Capítulo IV

A Nova Família e os Planos do Capitão

Após acordar daquele ótimo sono, abri os olhos e fiquei um tempo a fitar o teto. Pensava em tudo o que estava acontecendo e até torci para que tudo aquilo fosse um sonho do qual eu estava acordando, mas parecia ainda estar em 2752. Sentei-me na cama e olhei para todos os

lados em uma tentativa de reconhecer o lugar onde me encontrava, mas sem sucesso. O lugar era uma espécie de quarto pequeno, com um aquecedor e alguns móveis de metal. Era bem pintado e iluminado e estava bem limpo. As pessoas daqui eram menos preguiçosas do que as do outro prédio em que eu estive.

Não muito longe de minha cama, estava uma porta branca da qual eu, com um pouco de dificuldade abri e passei por ela.

Na outra sala, que parecia igual ao quarto em que eu me encontrava (mas no lugar da cama, havia uma mesa com duas cadeiras), estavam alguns homens que me olharam quando abri a porta.

- Alguém aqui fala minha língua? - Perguntei sem muita esperança.

- Eu falo português, inglês e cruzlano. - Respondeu um homem alto e robusto, com um quepe na cabeça. Tinha uma pequena arma no coldre e todos o olharam quando disse aquilo. O homem se aproximou da mesa, puxou uma cadeira e se sentou. Em seguida, apontou para a outra cadeira e disse:

- Sente-se e conte-me sua história.

Sentei-me e principiei a contar-lhe toda a minha história desde o início, e o homem escutou a tudo quase sem se mover. Após o fim de tudo, principiou a coçar o queixo, como se refletisse sobre algo. Em seguida fitou-me com olhar sereno e disse algo que eu nunca imaginaria.

- E se eu lhe dissesse que Deidara era minha irmã?

O susto foi tão grande que quase cai pra trás na cadeira. Aquele homem poderia me culpar pela morte de sua irmã (pelo menos eu me culpava). A esta altura, eu tinha certeza de que ele iria querer me matar, e desejei estar com minha arma, mesmo estando sozinho contra aqueles 15 homens. Olhei em volta procurando algum caminho livre para fugir, caso precisasse, mas pra minha surpresa, não precisei. O irmão de Deidara não parecia se importar muito com o que acontecera a jovem.

- Você ficará comigo agora. Eu terminarei o que minha irmã começou.

- E o que ela começou?

- Seu treinamento. Vai nos ajudar a vencer esta guerra agora, meu amigo. Você não tem escolha. É mais fácil sobreviver em grupo hoje em dia, ainda mais para alguém inexperiente como você. Somos sua família agora, e esta família vai para Helsinque, amanhã.

- Finlândia? - Perguntei, me levantando da cadeira.

- Sim - Respondeu o homem, e em seguida pegou com outro homem um mapa da Europa, e o abriu em cima da mesa. – Se conseguirmos chegar até Moscou, poderemos dar um grande passo para terminarmos esta guerra.

- E porque não vamos direto para Moscou?

- Porque Moscou está tomada pelos robôs. A cidade de Helsinque foi recentemente tomada pelos humanos e conseguimos um avião no mar para nos levar até lá. Achei estranho o fato de ele dizer “avião no mar”, mas imaginei logo que fosse um daqueles aviões que pousam na água.

Após ele me dizer todos os seus planos, fitei o mapa por um instante. Eu não era treinado e nem corajoso o suficiente para lutar em uma guerra. Não me orgulho de dizer que eu tinha medo. Mas após pensar na minha situação, lembrei de que eu não tinha mais nada naquele lugar. Deidara, minha única amiga ali, estava morta e eu não tinha mais Emanuele ou qualquer outro dos amigos.

Eram agora, apenas lembranças de um passado bom.

Percebi que devia me adequar àquele novo mundo, aprender seu idioma e me acostumar com a ideia de libertar a raça humana da tirania das máquinas. E para começar aquilo, deveria conhecer todos ali.

- Tudo bem, se eu vou ficar com vocês, tenho que saber como se chamam.

- Eu sou Dhote, mas todos me chamam de Capitão.

Aqueles são Lon, Abal, Zuthara, Sequi, Attu, Bace, Atho, Auro, Dhe, Dan, Ide, Ikke, Kar e Aco.

Achei todos aqueles nomes estranhos, mas na cultura do futuro, ou em seu idioma, pareciam ser bons nomes. Disse meu nome e após apertarmos as mãos, comemos uma boa refeição e descansamos. Eu não sabia de onde tiravam toda aquela ótima comida, mas após perguntar, o Capitão disse que tinha tudo na casa.

Após aquele dia, comendo, bebendo e tentando aprender o idioma de meus novos amigos de nomes estranhos, voltei para o meu quarto e me deitei na cama para dormir, mas antes de pegar no sono, pensei em muitas coisas. Uma delas foi Emanuele, e outra foi o fato de não saber onde minha nova família dormia.

Após algumas horas pensando, finalmente peguei no sono.

Capítulo V

O Mar de Metal

- Acorde, Ronald! - Gritava o Capitão ao lado de minha cama na manhã do dia seguinte. Parecia estar zangado comigo, pois segurava a gola de minha camisa com força, de modo que a amassava. De um salto, fui para o chão, quase rasgando minha veste.

- O que houve, Capitão?

- O senhor dormiu muito! Vá se arrumar e nos encontre lá fora. Você tem 10 minutos!

Após tudo isso, o homem saiu pela única porta do quarto e fez a tal bater com força, de modo que o barulho foi tão forte quanto uma ordem. Com isso, dei um salto e comecei rapidamente a me arrumar.

A força do Capitão me lembrava um general ou mesmo um capitão de verdade. O homem fazia jus ao seu apelido.

Não havia muita coisa para fazer na hora de me arrumar, afinal, eu só tinha uma roupa e estava vestindo-a. Apenas devia pôr os tênis e sair.

Antes de ir embora, percebi que em cima de um móvel, estava minha arma. Não a havia visto ali no dia anterior e isso me fez crer que alguém tinha pego para fazer alguma coisa. Fosse o que fosse, eu, por algum motivo, não desconfiava de que alguém a tivesse sabotado.

Peguei a arma, ainda receoso em ter de usa-la e saí pela porta. Dos 10 minutos que o Capitão me dera, apenas utilizei 3.

Do outro lado da porta, todos me esperavam com seus olhares que pareciam me julgar, porém, o Capitão parecia surpreso d'eu não ter utilizado nem a metade do tempo que me deu.

Após estarmos todos prontos, saímos para a rua, um de cada vez, esperando um período de 30 segundos desde a saída do ultimo para poder sair atrás. A equipe era perfeita, não haviam pontos cegos, e todos se esconderam tão bem, que era difícil vê-los. Fiquei o tempo todo junto do Capitão, e por algum motivo, temia que lhe acontecesse o mesmo que aconteceu com Deidara.

Apesar da paisagem ser totalmente diferente do que eu conhecia, eu sabia que estávamos na rua James, e tinha certeza de que o litoral estava bem perto. Aquilo me acalmava um pouco, pois tinha noção de que não demoraria muito para chegarmos ao nosso destino. Eu estava ansioso para ver novamente o mar, sentir sua brisa em meu rosto e tocar mais uma vez em sua água salgada.

Avançamos lentamente pelas ruas da cidade, quarteirão após quarteirão, um passo após o outro. Aquilo demorou horas, mas eu sabia que era para a nossa proteção. Tanto o Capitão quanto os outros, demonstravam em seu semblante uma empolgação cada vez maior, como se a cada passo, sua esperança aumentasse. Me alegrei com eles, mesmo sem saber exatamente porque estavam alegres. Imaginei que não esperavam que esta missão fosse dar certo do modo que estava dando, e aceitei este pensamento como explicação para tudo.

Eu caminhei por todo o trajeto, feliz com a alegria de minha nova família, mas minha alegria desmoronou, ao chegar na praia. Sua areia havia sido coberta com concreto e nem sequer era um local limpo. Mas minha maior tristeza ali, foi o mar.

Aparentemente, cobriram-no com metal e construíram casas por cima dele. O outrora invencível reino de Poseidon, agora não passava de mais um bairro na cidade. Sempre gostei do avanço tecnológico, mas aquilo havia passado dos limites.

Minha raiva da humanidade foi tão grande, que no momento, eu pensei novamente se a humanidade merecia este planeta, mas o rosto de Deidara adentrou em minha mente, e tive novamente a esperança que precisava para continuar.

Enquanto caminhávamos pelo “bairro do mar”, o Capitão explicou-me a história.

- Há aproximadamente 100 anos, a invasão do homem chegou a um ponto crítico, no qual todas as espécies de animais foram extintas da face da Terra. Os únicos sobreviventes foram o humanos (que causaram o desastre) e as plantas. Ao perceberem o que haviam feito ao planeta, todos evacuaram a África e decidiram dar o lugar a todas as plantas. Lá elas vivem até hoje, longe da interferência humana. São a única coisa que nos mantêm vivos. Se os robôs as destruíssem, não teríamos chances de viver, mesmo que vencêssemos a guerra. Diante da destruição dos animais, o governo mundial não viu tanta necessidade para o mar. Como estava tendo problemas com a superpopulação, decidiu construir acima dele. Mas não se preocupe, nem todo o planeta está assim, ainda há uma vasta região exposta ao Sol.

Após aquela detalhada explicação, nos vimos diante do avião. Em um lugar, sem nenhuma casa, estava, acima do metal reluzente, a extraordinária máquina da qual eles chamavam de avião. Era de fato como um avião negro, porém, não tinha asas. Os detalhes em sua pintura, fazia-o parecer emitir luz própria, apesar de ser preto.

Todos nós nos entreolhamos e eu pude ver o brilho nos olhos de meus irmãos.

Capitulo VI

A Viagem

Após alguns minutos contemplando a máquina que nos ajudaria a lutar contra as máquinas, começamos a nos preparar para partirmos em nossa viagem. Enquanto Ikke entrava para ver se estava tudo bem com o avião, os que estavam prontos ajudavam os que não estavam a se preparar. Arma em punho, máscara no rosto e uma grande mochila de suprimentos (tirada de dentro do avião) nas costas. E assim eu me preparava como os outros. Apesar de toda a excitação pela viagem, eu não conseguia deixar de achar estranho o fato de não termos visto nenhuma máquina durante todo o dia. As coisas eram quietas assim mesmo, ou havia algo de errado? Não houve tempo de saber, pois enquanto eu pensava nisso, Ikke voltou dizendo que estava tudo pronto para partir. Sei o que disse, pois a essa altura, já arranhava no cruzlano (idioma falado no Brasil em 2752).

Adentramos a aeronave e nos sentamos em suas poltronas acolchoadas com um material super confortável, do qual eu nunca havia ouvido falar. Um tal de *levatro*, aparentemente feito de uma fibra sintética. Olhando de dentro, a aeronave parecia menor apesar de ser igualmente linda. Nas paredes ao lado das poltronas, haviam lindos símbolos escritos a ouro (dos quais mais tarde, descobri serem instruções de bordo em cruzlano). No chão e teto do negro corredor que se estendia entre as poltronas até a cabine do piloto, grandes setas prateadas estavam desenhadas de modo que mostravam o caminho tanto para a cabine, quanto para o banheiro.

Antes de partirmos, tiramos alguns pães de nossas mochilas e comemos junto com o pouco de café que tinha na única cafeteira a bordo. Brindamos á viagem e á um futuro livre das máquinas.

Após a curta refeição, sentamo-nos novamente em nossas poltronas e Ikke foi para a cabine do piloto.

Aparentemente, este tipo de avião só necessitava de uma

peessoa para pilotar, e este piloto era Ikke. Segundo o Capitão, ele era o melhor piloto ainda vivo, coisa que não duvidei, afinal, não deviam ter sobrado muitos pilotos nesse mundo apocalíptico (o que também não fazia dele obrigatoriamente um bom piloto). Nunca tive medo de voar, mas ao pensar desse jeito, de repente comecei a temer por minha vida e também a de todos ali. Sem perceber, agarrei-me com força a poltrona, mas me tranquilizei ao saber que a aeronave havia decolado com sucesso. Foi algo tão tranquilo, que nem sequer notei. Das janelas da nave, pude ter uma visão panorâmica dessa nova Elói. Não era algo muito bonito de se ver. Estava amplamente destruída, parecia mais uma cidade fantasma do que um bairro na cidade. Avistei alguns sentinelas caminhando por algumas ruas e torci para que não nos vissem, ou estaríamos perdidos.

Pude ver também que o prédio onde eu vivia era agora um beco que ligava minha rua à rua Diniz. As vezes o avanço, seja ele tecnológico ou não, traz coisas boas, mas custa a existência de coisas ótimas. O prédio PRE (Prédio Residencial Elói), o único prédio deste tipo de Elói, e também o prédio mais bonito da cidade, não passava agora de uma simples rua. Enquanto aquele avião subia, eu percebia como o meu precioso mundo havia sido totalmente trocado por outra coisa, e esta coisa nem sequer foi digna de se manter inteira.

Mas não só Elói estava destruído, toda a cidade se encontrava em um estado deplorável. No meio daquela destruição, percebi que a ponte Rio-Niterói não mais existia. Não precisavam mais dela, afinal o “bairro do mar” agora ligava as duas cidades, ou melhor, a cidade (no singular). Segundo me disse Abal, Niterói e Rio de Janeiro eram agora uma cidade só, coisa que não acreditei no principio, mas parecia ser verdade. O novo nome da cidade era Sungapa (Perfeita, em cruzlano). Apesar do nome fazer jus a ambas as cidades, achei de mal gosto uni-las. As cidades eram únicas e cada uma tinha suas próprias

características. Isso deveria contar para que não transformassem as duas em uma só.

Enquanto a nave subia cada vez mais, menos eu conseguia identificar as coisas lá embaixo, até que adentramos entre as nuvens negras do céu. Um esconderijo natural, apesar de se encontrar em péssimo estado. Apesar da extinção de quase todos os seres vivos do planeta, a humanidade parecia nunca aprender a lição. As nuvens eram negras ao ponto de escurecer todo o interior do avião. As trevas também serviram para esconder minha cara de vergonha de pertencer a esta raça autodestrutiva.

O silêncio e a escuridão dentro da nave me permitia pensar em muitas coisas a respeito do futuro, como por exemplo o fato de ninguém ali se importar com as condições em que o mundo estava. Acho que eu era o único a pensar assim, porque havia chegado naquele mundo de repente. Talvez fosse esse o motivo pelo qual eu era o único que via que os humanos destruíram o mundo antes mesmo das máquinas. Refleti também se alguém do século XIV teria as mesmas opiniões, se fosse transportado para 2013 num piscar de olhos. Acho que as gerações anteriores sempre reclamarão das gerações futuras.

Enquanto voávamos em completo silêncio, eu me perguntava como Ikke estava pilotando a nave sem ver à frente. Mas não demorou muito e a luz estava de volta. Lá do alto, pude ver que estávamos deixando para trás o “bairro do mar” e finalmente pude ver a água que refletia a luz do Sol, que brilhava menor e mais frio nestes tempos de 7 séculos no futuro. Aquilo me lembrou de todas as curiosidades que eu tinha a respeito desta época, e sem pensar duas vezes, interrompi o silêncio que se fazia e comecei a perguntar tudo ao Capitão que estava sentado ao meu lado.

- Ei Capitão, porque as pessoas não falam mais o português ou o inglês.

- Ah... Isso? É o seguinte, com o tempo, as pessoas começaram a falar inglês no mundo todo. Isso por volta de

2095, mas como cada lugar tinha suas próprias gírias e sotaques, o idioma se desenvolveu de forma diferente em cada parte do mundo, de modo que nasceram novos idiomas a partir daí.

- Então todos os idiomas falados no mundo hoje são derivados do inglês?

- Sim.

- Incrível. É quase como ocorreu com o latim.

- Não vejo nada de incrível nisto, afinal, todo idioma um dia deixa de existir.

Fitei o Capitão como se fosse o senhor Hans. Queria derretê-lo por diminuir minhas descobertas científicas, afinal, neste momento, me sentia não só como um escritor, mas também como um cientista, historiador, aventureiro, explorador e soldado.

Enquanto eu pensava na atitude do Capitão, notei que ainda o fitava e isso estava começando a incomodá-lo. Imediatamente olhei para a janela do avião buscando ver algo de interessante para questioná-lo, e a luz fraca do Sol foi a primeira coisa na qual pensei. Sem tirar os olhos da janela, mandei-lhe minha nova pergunta.

- Porque o Sol está tão pequeno e fraco?

- Porque em 2359, passou pelo Sistema Solar, um enorme asteroide que mudou a órbita de muitos planetas, incluindo a Terra, que foi mandada um pouquinho para longe da estrela Sol, mas ainda na Zona Habitável do sistema. Por isso a estrela parece menor e seu calor está mais fraco.

- Deixa eu ver se entendi, estamos mais perto de Marte?

- Sim. Isso possibilitou algumas excursões pelo planeta vermelho.

- Porque a raça humana não migra para lá? Assim poderíamos ficar livres dos robôs.

- Você não presta atenção, né? - Disse o Capitão após um suspiro. - Eu disse que só fizemos algumas excursões, não fundamos colônia, e nas condições atuais, não podemos fazer nada quanto a isto. Sem falar que eles viriam atrás de nós.

Após esta resposta, não quis mais incomodar o Capitão. Passei o resto da viagem apenas olhando o mar. Pensava sobre a extinção e sobre como aquelas águas mortas, foram um dia cheias de vida. No fim, o homem migrou para a terra e destruiu a água para que não mais houvesse vida ali.

A viagem seguiu por mais algumas horas de muito silêncio. Não entendia como uma família poderia ser tão calada, era como se nunca tivéssemos nos visto na vida. Abaixo da nave, o mar se acabou, dando espaço para outro “bairro do mar”. Soube neste momento, que nos aproximávamos da terra. Não devia demorar muito para que finalmente chegássemos ao nosso destino.

Ao longe, eu já podia ver o Castelo de Alcazar, que apesar de sujo e cheio de trepadeiras, conservava ainda sua beleza. Sabia que estava em Lisboa, Portugal, e achava incrível terem mantido este monumento intacto.

Quase todos os monumentos do mundo haviam sido conservados, e os que não mais existiam, foram destruídos durante a Revolta das Máquinas.

Toda essa informação vinha de Abal. Este jovem de aparentemente 22 anos, parecia uma enciclopédia, afinal, estava disposto a resolver qualquer dúvida que eu tivesse. Segundo suas palavras, os monumentos destruídos durante a guerra foram: A Estátua da Liberdade, em Nova York, A Torre de Pisa e A Casa da Ópera, em Sidney. A raça humana, apesar de cruel e destrutiva, fez de tudo para manter sua cultura, que era a coisa mais importante para a civilização antes da guerra.

Além de Portugal, ainda passamos pela Espanha, Frenth (antiga França), Belgim (antiga Bélgica), Holanda, Alemanha, Copenhagen (antiga Dinamarca) e finalmente Suécia, local onde se deu a tragédia de nossa viagem.

Enquanto sobrevoávamos Estocolmo, um tremor nos invadiu de assalto e um alto barulho se ouviu na traseira da nave, em seguida um forte calor nos fez suar enquanto eu sentia meu corpo mais leve. Acima da porta no fim do corredor, uma luz vermelha piscava seguida de um alarme.

Ao olhar pela janela, vi que a terra se aproximava e os fragmentos de nuvens negras passavam rapidamente por nós. Era oficial, estávamos caindo.

Ao meu lado, o Capitão puxava meu braço e o de Abal e fazia um impulso em sua poltrona fazendo com que voássemos sem gravidade até a porta da cabine. Tendo aberto tal porta, entramos e encontramos Ikke, que tentava desesperadamente amenizar a queda inevitável. O Capitão fazia perguntas a Ikke, das quais não ouvi uma única letra por causa do barulho ensurdecador que o alarme fazia. Da janela da cabine, eu e Abal olhávamos assustados, uma catedral que se aproximava cada vez mais rápido e meu coração quase saltou pela boca, antes que Ikke fizesse uma manobra no ultimo segundo, nos livrando da colisão, porém, um grande tremor foi sentido, como se a parte de trás tivesse sido atingida. Logo em seguida senti uma forte pancada e apaguei.

Capítulo VII

A Fuga

Em meu estado de desmaio, me atrevi a entrar em um sonho perfeito, no qual me encontrava em um pasto tão grande que não se via o seu fim. Ao meu lado estava Emanuele e nós podíamos voar. Voávamos de mãos dadas acima do campo e observávamos do alto, belos cavalos brancos e negros que corriam pela vegetação. Escolhemos dois cavalos e pousamos em seus lombos, montando neles como verdadeiros profissionais. Corríamos pela imensidão do campo enquanto o vento balançava nossos cabelos. Mas após algum tempo correndo, vimos ao longe, uma densa floresta da qual saíam fortes gritos que me chamavam. Olhei ao meu lado, e Emanuele não estava mais lá. Pra onde foi? Não sei. A luz do Sol se foi e a escuridão total tomou conta do lugar. Vi ao longe, uma fraca luz da qual saíam os gritos, e principiei a ir em sua direção. Ao chegar na luz, a voz se mostrou ser a do Capitão. Me vi de repente, deitado no chão de uma casa

velha, e o Capitão estava sentado ao meu lado tentando me reanimar.

Percebi então que havia sido apenas um sonho, mas eu realmente desejava que aquilo fosse real, ou pelo menos queria não ter acordado.

Perguntei ao Capitão o que havia acontecido, e este olhou de um lado ao outro daquela velha casa de móveis revirados, a preocupação em seu olhar. Após examinar o lugar, ele principiou a me dar um relatório completo de tudo que ocorrera conosco.

- Não há um jeito fácil de dizer isto, então simplesmente vou dizer. Nosso avião foi atingido por um sentinela e nós caímos perto do litoral de Copenhague... Esta é a pior parte. Perdemos a parte de trás do avião e só sobrou a cabine do piloto. Eu, você, Abal e Ikke somos os únicos sobreviventes. Você ficou desmaiado e tivemos que trazê-lo até esta casa abandonada. Abal e Ikke estão lá em cima vigiando, porque os robôs aparentemente sabem que estamos vivos. Temos que nos esconder e atravessar o mar para chegarmos à Finlândia, lá estaremos seguros.

Arregalei meus olhos de imediato e fui tomado por um medo indescritível. Éramos apenas quatro agora, quatro homens numa cidade desconhecida e infestada daquelas máquinas. Procurei imediatamente minha arma, mas não a encontrei. Aparentemente, apenas a Pistola do Capitão e o

Rifle de Abal haviam nos restado. Nem mesmo nossas mochilas ficaram para contar a história. Estávamos sozinhos, com pouco armamento e sem nada para comer.

Meu medo rapidamente se tornou raiva, raiva destas máquinas, uma raiva que nunca havia sentido antes. Estávamos quase lá, e fomos derrubados, e não seria fácil atingir nosso objetivo. Ao mesmo tempo estávamos tão perto e tão longe.

Pus-me de pé e fui com o Capitão para o segundo andar. A escadaria da casa era feita de madeira e parecia que desabaria a qualquer momento. Achei estranho o fato de ainda usarem madeira em 2752, mas logo imaginei que a

casa deveria ser uma antiguidade, afinal parecia muito com uma casa do século XXI. Uma sala de estar, cozinha, área de serviço e uma escadaria para o segundo andar. No segundo andar, demos de cara com um corredor que se estendia tanto para a direita quanto para a esquerda. À nossa frente estava uma porta que dava para o banheiro e no fim de cada lado do corredor haviam portas que davam para quartos. O quarto maior ficava à direita, dentro havia uma cama de casal empoeirada, mas bem arrumada. Abal estava na janela com seu Rifle. O quarto menor ficava à esquerda e dentro havia uma cama em formato de carro de corrida, daquelas camas temáticas que alguns pais compram para seus filhos quando eles são crianças. Na janela do quarto, estava Ikke com a Pistola emprestada do Capitão. Ao me ver, ele sorriu e deu graças a Deus por eu estar acordado.

Fiquei pensando em sua frase: “Tankka God” (Graças a Deus). Uma expressão muito comum em meu tempo, mas com o número de ateus que têm em 2013, fiquei surpreso que isto tenha se conservado até 2752. Significava que havia alguma chance da religião ainda existir. Não sou cristão nem sou ateu, também não sou espírita e nem budista, mas não tenho nada contra quem é, pois sempre fui indiferente em relação ao que acreditar, afinal, cada um tem o direito de acreditar no que quiser e isso não pode ser imposto a ninguém. Mas apesar de minha indiferença, tenho que admitir que aquilo me fez pensar.

Após passarmos pelos dois quartos para chamar Ikke e Abal, nós quatro descemos as escadas sem fazer barulho, e paramos subitamente quando vimos a sombra de um humanoide na janela do andar de baixo. Parecia um ser humano, mas nós sabíamos que não era. Se tratava de um androide nos procurando na rua. Ficamos ali parados, esperando-o ir embora, afinal, qualquer movimento poderia fazer aquela velha escada de madeira ranger e revelar nossa posição.

Por fim, o robô se foi e continuamos a descer a escada em silêncio. Tínhamos um plano muito simples: Sair como o ar, sem fazer barulho e sem sermos vistos. Mas era difícil não sermos vistos em uma cidade infestada de robôs a nossa procura.

O Capitão abriu a porta devagar, e seu leve rangido pareceu-nos o mais alto solo de saxofone, mas por sorte não havia nada por perto. Saímos um atrás do outro sem fazer barulho, e logo percebi que do outro lado da rua, já se encontrava o “bairro do mar” da Suécia.

Nunca havia me sentido tão empolgado com aquela abominação da humanidade, representava a liberdade, agora, afinal, só tínhamos que atravessa-lo para estarmos a salvo.

Com passos sem som, atravessamos a rua. Estávamos atentos a tudo, nada escapava ao nosso olhar. Vi que o lado de fora da casa da qual nos encontrávamos estava em péssimo estado. Estava cheia de poeira e nem sequer se via a cor de sua pintura. Era apenas uma velha casa acinzentada.

Atravessamos com sucesso a rua e nos vimos mais perto da liberdade e do descanso, mas nada é perfeito neste mundo. De repente, o androide que vimos pela janela, saiu de trás de um arbusto e nos rendeu. O Capitão achou estranho tal comportamento, afinal, os robôs nunca rendem ninguém, apenas matam, mas desta vez ocorreu de outra forma. Imaginei que talvez nos quisesse para negociar com os humanos da Finlândia. De qualquer forma, não tive mais esperança, até Abal restituí-la.

Com uma piscada de olho, o jovem guerreiro jogou seu rifle ao Capitão, e se pôs a correr em direção ao androide.

O Capitão atirou no robô enquanto este se ocupava em atirar em Abal.

Vi meu mais novo amigo se desfazer em minha frente, exatamente como ocorreu com Deidara. Parecia ser algo pessoal, como se quisessem me atingir, mas quem estaria

por trás disso? Não era algo possível. Convenci-me de que era coincidência, toda esta tragédia.

Éramos agora apenas 3, daqueles 16 que saíram do Brasil, mas não faltava muito para chegarmos ao nosso destino.

Temendo que mais robôs aparecessem, nos pusemos a correr para o “bairro do mar”, no qual por algum motivo, eu nunca havia visto nenhuma máquina a não ser o avião que usamos para chegar até a Suécia.

Corremos por muito tempo e a noite nos atingiu rapidamente. Paramos um tempo para descansar e dormimos como se não tivéssemos problemas ou visões aterradoras em nossas mentes. As horas passavam de vagar e o medo nos consumia como se fôssemos crianças no escuro. Com o tempo, a fome veio nos atormentar e voltamos a andar para ver se passava. Ikke teve a ideia de verificar as casas a procura de algo para comer, mas as que não estavam trancadas, nada tinham de comestível. Mais um dia se passou e caminhávamos cada vez mais de vagar a medida que avançávamos. À noite, nossos estômagos não nos deixaram dormir direito e ficamos apenas acordados no escuro, pois nem sequer luz nós tínhamos para passar a noite. Pela manhã, continuamos nossa caminhada, porem, muito mais lenta do que antes. Em certo momento, considerei devorar algum de meus companheiros, mas percebi de imediato que era loucura. A fome e a exaustão cochichavam besteiras em meus ouvidos, mas resisti o máximo que pude. Na metade do dia, vimos ao longe, algo que parecia ser uma cidade. Era grande o suficiente para se estender acima das casas de metal do “bairro do mar”. Corremos em sua direção com uma energia surgida do nada. Aquela majestosa cidade, era o nosso principal objetivo agora, e estávamos muito perto dela. Água, comida, tudo o que precisávamos estava lá. Eu mal podia esperar por um bom banho e uma cama quente.

Após corrermos por alguns minutos, vimos a magnífica cidade de Drasleia. Aquela cidade era o modelo de cidade futurista que as pessoas têm hoje em dia (2013). Prédios

altos, carros voadores. Sim, eles estavam por todos os lados, e a melhor parte era que a cidade era habitada por humanos. Viviam como se nunca tivesse ocorrido uma guerra entre humanos e máquinas, mas sabiam de tal guerra, e tinham um exercito que vigiava constantemente as fronteiras da cidade. Tal exercito nos acolheu em seu QG e nos deram o que comer e beber. E após três pratos de pães e um bom vinho, principiamos a contar-lhes (em inglês) a nossa história.

Capitulo VIII

A Finlândia

O General Number (líder do exercito finlandês) se surpreendeu com nossa história e ofereceu-nos imediatamente, moradia em Drasleia, que nós aceitamos

sem pensar duas vezes. Mas, infelizmente não haviam 3 moradias vizinhas disponíveis e tivemos de nos separar.

Fui para uma rua do centro, enquanto o Capitão e Ikke foram morar perto do litoral (onde não haviam “bairros do mar”).

Fui parar num ótimo apartamento (não haviam casas em Drasleia, pois todos moravam em apartamentos). O lugar era amplo, com vista para a praça que se encontrava no centro. Localizava-se no Prédio 46 (Edim 46) e a localização de cada coisa era totalmente estranha para mim. Uma grande banheira circular se encontrava no centro da sala e ao entrar nela, um holograma de uma cortina negra a rodeava de modo que, quem estivesse de fora não veria quem quer que estivesse na banheira. Toda a parede do lado esquerdo do apartamento era feita de vidro, dando-me uma visão privilegiada. Não havia cozinha, pois todos comiam em restaurantes e lanchonetes (não muito diferente de hoje) e o banheiro era apenas um cubículo com um assento sanitário dentro. Não havia TV e nem computadores, mas essa é uma característica que atribuí à guerra. Não tinha conexão com o resto do mundo, porque os únicos humanos com tecnologia avançada estavam na Finlândia.

Fiquei naquele apartamento por 15 minutos contemplando a vista da grande janela. Observava em pé com as mãos nos bolsos, as pessoas que caminhavam na praça. Pareciam tão tranquilas e felizes, vivendo suas vidas enquanto o perigo espreitava lá fora. Por algum motivo, me parecia inevitável que um dia tudo acabaria. Pra mim, aquilo era como um sonho. Por mais que seja perfeito, em algum momento você vai acordar e vai ver que a vida real é difícil.

Após os 15 minutos, fiquei entediado e decidi sair para conhecer melhor os arredores da minha nova casa. Saí pela porta automática do apartamento, que se fechou bruscamente atrás de mim. Caminhei por um pequeno corredor e descí pelas escadas (nunca gostei de elevadores)

e após 3 minutos de descida, finalmente cheguei à rua. Era um fim de tarde, no entanto, ninguém estava preocupado com a chegada da noite. Apesar do mundo violento em que nos encontrávamos, a noite parecia não oferecer mais seus perigos.

Caminhei pelas ruas com as mãos nos bolsos enquanto passava por mim, um grupo de adolescentes rindo com os braços cheios de sacolas de lojas de sapatos e roupas. Aquele lugar, apesar de ser mais tecnológico, se parecia muito com 2013. Eu continuava caminhando enquanto pensava nisso, mas pensar em 2013, me lembrava Emanuele, e eu tinha muita saudade da pessoa que representava meu mundo. Ela com certeza já havia morrido há muitos anos, mas ainda havia uma chance de ter tido o mesmo destino que eu, sendo congelada e mantida em preservação. Talvez ainda estivesse congelada em algum lugar, ou mesmo lutando para sobreviver naquele mundo cruel. Quem sabe? Poderia até mesmo estar em Drasleia. Me consumi em pensamentos esperançosos, mas percebi logo em seguida que aquilo era improvável. As chances eram quase nulas. Minha única saída agora era reconstituir minha vida em Drasleia com outra pessoa, talvez ter filhos e morrer velho, fingindo que nada aconteceu. Não! Eu rejeitava por completo. Já que havia chegado até ali, eu queria ir até o fim, afinal, não tinha mais nada a perder. Um homem sem laços, não tem nada pelo que lutar, a não ser a própria liberdade. Eu queria ir à qualquer lugar do mundo, sem me preocupar com máquinas tentando me matar. Aquela cidade era perfeita, mas estávamos todos confinados à ela, eu queria me libertar daquela gaiola de ouro, mesmo que pra isso, eu acabasse me libertando da vida.

Meus pensamentos revolucionários me fizeram parar no meio da rua e olhar a minha volta. Eu precisava encontrar um jeito de falar com o Capitão. Eu queria saber quando e como tomariam a Rússia de volta para a raça humana, afinal, eu não tinha nada para fazer em Drasleia. Nem

amigos, nem parentes... Eu era apenas um forasteiro vindo de uma terra tão longínqua, que somente o tempo poderia alcançar.

Na minha procura por alguma ajuda, tive a sorte de encontrar um prédio alto com o seguinte nome na entrada:

IDEA BAN (Biblioteca ou Banco de Ideias)

Aquilo poderia ser o que eu estava procurando, pois ali, talvez tivesse informações sobre as máquinas, afinal, se eu iria para a batalha, tinha que estar preparado.

Adentrei a biblioteca e após atravessar um estreito corredor, me vi em um salão gigante, com altas prateleiras que se estendiam até onde a vista alcançasse. Em cada prateleira, via-se um conjunto de 10 capacetes colocados um do lado do outro, e em cada um havia um nome, como se fosse um livro.

Passei um pouco pelo lugar até encontrar um título que me chamou a atenção: Revolution O' Matchn (A Revolta das Máquinas). Não tardei em pegar o capacete e pôr na cabeça, e imediatamente vi um homem em sua casa, sentado em sua poltrona e lendo uma espécie de jornal holográfico, quando uma espécie de androide adentrou o local e serviu-lhe uma espécie de bebida azulada, da qual o homem bebeu e reclamou do sabor, mas o androide não discutiu e apenas concordou com sua opinião. E dia após dia, no mesmo horário, o androide trazia a mesma bebida e não importava como ele a preparava, o homem sempre reclamava, e o androide sempre concordava. Em uma bela manhã de domingo, o homem lia seu jornal, como de costume e seu androide lhe trouxe novamente sua bebida, da qual o homem bebeu de um gole só, e pela primeira vez em sua vida, elogiou o que seu criado robótico havia feito, logo antes de ter uma convulsão e morrer ali mesmo, sentado em sua poltrona com o seu jornal na mão. O fato era que desta vez, para se vingar, o androide com o mais humano dos ódios, envenenou a bebida de seu dono, e ironicamente, o veneno deu à bebida, o sabor que o homem procurava.

Fiquei impressionado com aquelas imagens, quando tudo ficou branco, como se eu estivesse olhando para o nada.

Mas o branco do nada mostrou-se ser a luz do Sol sob a cidade de Mytisci, que era agora atacada por uma legião de máquinas enfurecidas buscando seus direitos.

Após uma sangrenta batalha de 3 dias, os robôs por fim tomaram a cidade.

Na Cidade do México, um conselho entre os líderes responsáveis pela raça humana é feito, e após horas de discussão, os líderes votam na alternativa de enfrentar as máquinas, ao invés de lhes reconhecer como seres vivos. A batalha se estende por anos até os dias de 2752.

Imediatamente após ver aquilo, tirei o capacete. Era o suficiente para mim, não aguentava mais ver a decadência da minha raça, por mais arrogante que ela fosse.

Saí daquela biblioteca as pressas sem pensar em nada, mas nunca mais queria voltar àquele lugar. Por mais irônico que fosse, talvez pela primeira vez na história um escritor tinha desprezo por uma biblioteca.

Caminhei de volta ao Edim 46, minha cabeça estava, pela primeira vez, vazia de pensamentos. Eu só queria chegar em minha casa e dormir, afinal, estava ficando tarde e eu já me encontrava sendo envolvido nos braços de Morfeu.

Entrei em casa e a porta automática novamente fechou-se bruscamente atrás de mim.

Procurei, mas não encontrei cama em lugar algum, e sem paciência, para procurar, deitei-me na banheira e ali adormeci.

Fui acordado no dia seguinte por dois soldados finlandeses, que falavam comigo em seu idioma (o Finn) e riam como se debochassem de mim. Eu sabia que riam por eu estar dormindo na banheira, mas não sabia porque estavam em minha casa. Dei um salto de imediato e me pus de pé. Vi que na porta estava o general Number junto do Capitão e de Ikke. Fiquei confuso ao vê-los e principiei a perguntar o que estava acontecendo. O Capitão, ainda contendo o riso, respondeu.

- Enquanto estávamos aqui, um exercito abria caminho entre a Rússia para chegar até Moscou. Nós iremos para a batalha, pois temos uma estrada de cidades que nos liga a capital do mundo Robótico.

Aquela era a noticia que eu estava esperando. Finalmente eu faria alguma coisa alem de ficar esperando. Agradei ao Capitão e fui com eles para um carro que nos esperava na rua.

- O que fazia dormindo na banheira? - Perguntou-me o Capitão já dentro do carro.

- Eu estava tomando banho e peguei no sono. - Respondi imediatamente. Era mentira, mas eu não podia suportar que eles ficassem rindo de mim. Por sorte, o Capitão pareceu ter acreditado e apenas seguimos a viagem. Contemplei a paisagem da janela do carro enquanto voávamos pela cidade. Prédios altos, outros carros voadores e até o mar foram contemplados pelos meus olhos.

Minha diversão foi tão grande que nem notei as horas passarem. O dia parecia não avançar, mas apesar disso, o relógio no painel do carro marcava 17:00 horas. Lá fora o Sol brilhava como se fosse 15:00 horas e me confundia deixando uma duvida em minha cabeça. Mas antes que eu pudesse perguntar, fui impedido pelo Capitão, que anunciava nossa chegada.

- Lá está: Helsinque, A Capital da Humanidade.

Era a cidade mais linda que eu já havia visto. Conseguia até mesmo ser mais bonita que Drasleia. Como se emitisse luz própria, a cidade refletia em seus prédios de prata, a fraca luz do Sol, tornando-a mais intensa. Uma gigantesca estatua de um homem feita de ouro e mármore podia ser vista de longe no coração da cidade e a alegria irradiava de meu coração apenas em observar aquela maravilha criada pelo homem. Aquele lugar era mais do que digno de ser “A Capital da Humanidade”.

Sobrevoamos a cidade até o seu QG, enquanto eu observava como uma criança curiosa o interior daquele

lugar. Suas ruas totalmente limpas tinham seu chão feito em granito. Pessoas bem vestidas caminhavam pra lá e pra cá em seus afazeres do dia-a-dia. Suas roupas eram curiosamente túnicas de muitas cores diferentes, algumas até mesmo eram multicolor. Havia vermelhas, azuis e roxas, e até mesmo cores que eu nunca havia visto ou imaginado serem capazes de existir.

Aquele lugar fazia tudo parecer perfeito e seguro, apesar do caos lá fora.

Após virarmos duas vezes à direita, eu pude ver ao longe um enorme prédio feito de prata e enfeitado com cristais. No alto da porta se podia ver dois rifles de cristal cruzados e aquele parecia ser o símbolo dos militares finlandeses. O oficial que dirigia o carro, estacionou o veículo na frente do prédio e todos saímos. O General Number mostrou suas credenciais aos soldados que se encontravam na entrada e após algumas palavras, nós adentramos o local.

Toda a glória daquele gigantesco prédio parecia estar aprisionada em seu interior. Um largo corredor nos aguardava dentro do QG, com suas gigantescas estatuas de heróis do passado. O corredor era bem iluminado pelas luzes que entravam janela à dentro, e o silêncio era interrompido apenas pelo som de nossos passos.

Ao fim do corredor, demos de cara com uma enorme porta que se abriu automaticamente para nós e adentramos um grande ginásio no qual um exército com aproximadamente 1000 soldados finlandeses nos aguardava. Eu nunca havia visto tanta gente vestida de preto.

Todos os soldados ali presentes prestaram a devida continência ao verem o General Number. Este por sua vez, fez um pequeno discurso em seu idioma do qual eu não entendi sequer uma palavra. Ikke e o Capitão também não falavam Finn e por isso não puderam me traduzir, e ficamos sem saber o que o general dizia.

Ao fim de seu discurso, uma enorme porta se abriu atrás do exército, que por sua vez, virou-se e saiu. Eu não havia

notado aquela porta ali antes, mas deveríamos seguir o General Number por ela.

Após sair daquele ginásio, fiquei surpreso em ver que estava em meio a uma floresta. Por todos os lados se via apenas árvores e alguns membros do exercito que havia se espalhado pelo local. Ikke me entregou um rifle e logo percebi que estavam todos armados.

- O jogo começou, vamos ter que ir a pé até a próxima cidade e de lá poderemos finalmente usar carros, tanques e outros veículos militares. - Disse-me o Capitão, olhando em volta com cautela.

Eu estava surpreso e ao mesmo tempo feliz por ver que ainda existia vegetação naquele mundo, mas agora não podia me distrair com este tipo de coisa. Eu estava oficialmente na guerra e não tardei a ficar atento.

Caminhava com passos rápidos ao lado de Ikke e observava cada árvore como se minha vida dependesse disso (dependia).

Passamos alguns dias caminhando, mas desta vez estávamos em maior número, bem armados e havia comida para todos. Caminhada durante o dia e acampamento durante a noite. Esta era nossa rotina.

Após alguns dias, chegamos as ruínas do que no meu tempo era a cidade de Kota. Segundo Ikke, foi totalmente destruída em 2200, durante a 4ª Guerra Mundial. Fiquei surpreso ao saber que havia tido uma 3ª e uma 4ª guerra mundial, e que por incrível que pareça, não foram guerras nucleares. Segundo Ikke, o uso de qualquer coisa nuclear foi proibido em todos os países do globo em 2056, e por isso, nem a 3ª Guerra Mundial em 2149 e nem a 4ª Guerra Mundial em 2200 foram guerras nucleares. Nestas épocas, a humanidade nem se quer sabia mais como se fazer uma arma nuclear, era um conhecimento perdido. Ikke disse também que estávamos passando pela 5ª Guerra Mundial. Fiquei a pensar nisso por muito tempo durante aquele dia.

Meu avô, Ruyberg Estrada havia lutado na 2ª Guerra Mundial e agora eu, seu neto, estava lutando na 5ª Guerra

Mundial. Era algo inimaginável e impossível de se acontecer, mas estava acontecendo de algum jeito.

Capítulo IX

A Chegada à São Petersburgo e o Que Se Segue

Após mais alguns dias de caminhada sem nenhuma ação à frente, ouvimos ao longe, sons de tiros e alguns gritos de dor. À minha volta, pude perceber que todos do exército corriam em frente e pus-me a correr igualmente, mas sem saber para onde estava indo. Enquanto seguia alguns soldados finlandeses, acabei me perdendo de Ikke, mas o que encontrei no lugar dele foi algo inesquecível. Após sair de trás de um arbusto, pude ver a cidade de São Petersburgo que se encontrava sitiada.

No meio dos tiros que passavam rápida e mortalmente pra lá e pra cá, corri junto a 3 outros soldados até uma casa abandonada e lá sentei-me perto da janela. A rua na qual a casa se encontrava podia ser vista por completo daquela janela.

Eu estava assustado e não tinha ideia do que fazer. O nervosismo me impedia de pensar direito e nenhum dos finlandeses que estavam comigo falavam meu idioma ou qualquer outro do qual eu conhecesse.

No meio do meu nervosismo, lembrei-me dos meus pensamentos em Drasleia. Eu queria lutar, estava disposto a perder a vida naquela guerra. Porque temer? Não tenho nada a perder.

Sem pensar direito nas consequências, pus o rifle na janela e atirei sem nem olhar em quem. A rajada de 20 tiros pareceu ter funcionado, pois ouvi uma explosão ao final, e ao olhar para ver o que havia ocorrido, vi os soldados humanos correrem pela rua. Eles avançavam e urravam

como verdadeiros guerreiros. Ao vê-los, saí do meu esconderijo pela janela e vi um sentinela destruído no meio da rua. Imaginei se teria sido o meu ataque que o havia destruído.

Aquele sentinela parecia estar protegendo sozinho a rua, pois toda ela ficou disponível para nós. Chegamos à esquina com outra rua e nos juntamos a um outro grupo de humanos que lutava naquela cidade. Subimos a rua as pressas pois tínhamos que livrar aquela cidade do ataque das máquinas. Apesar da velocidade em que eu corria, não via nada além de soldados na minha frente. Eu podia ouvir os tiros e as explosões, mas não pareciam estar tão perto. Após correr o que me pareceram 40 metros, cheguei a uma praça e vi uma igreja por perto, era um prédio circular com uma grande torre no centro (Era a prova de que a religião havia sobrevivido). Tive a ideia de lutar do alto da torre e sem pensar duas vezes entrei na igreja.

O local estava completamente abandonado. Os bancos estavam revirados e havia poeira por toda parte. Caminhei em completo silêncio por aquele templo enquanto observava em volta, afinal, o lugar poderia esconder alguma máquina pronta para o ataque.

Após procurar alguma entrada para a torre, achei uma escadaria depois de abrir uma porta que achei de trás de uma cortina. Podia-se ver algumas pegadas recentes que marcavam os degraus empoeirados, e estremeci ao vê-las. Significava que alguém estava ali, e as chances de ser um androide eram de 50%. Subi a escadaria circular rápida e silenciosamente, e meu coração batia mais rápido a cada passo.

Após 2 minutos de subida, eu quase tinha um ataque cardíaco, quando finalmente cheguei ao fim dos degraus e vi um jovem debruçado sobre a amurada da torre com uma espécie de binóculo.

Bati duas vezes no chão como quem bate em uma porta e em seguida me escondi esperando uma rajada de tiros, mas

ouvi pela primeira vez em dias algo em português, para a minha surpresa.

- Quem está aí?!

- Ronald Estrada - Respondi imediatamente e saí do esconderijo. Vi o jovem tremendo enquanto apontava seu rifle para mim.

- Você fala português? - Perguntou ele assustado.

- Sim, eu sou de 2013.

- Sou Sete Tejo, de 2028.

- Prazer em conhecê-lo Sete Tejo de 2028. Você é brasileiro?

- Mais ou menos, eu nasci em Portugal, mas fui criado no Brasil. Mas diga-me... Ronald não é? Você era famoso? Eu tenho a impressão de que te conheço de algum lugar.

- Mais ou menos também, mas agora não temos tempo para isso, tem uma batalha acontecendo aqui. Me dê o binóculo.

Olhei pelo binóculo e vi muitas explosões ao sul e em uma das ruas que davam para a praça, pude ver alguns andróides se escondendo e dando trabalho para os outros. Tive imediatamente a ideia de usar aquele binóculo como uma mira, e coloquei-o sobre o rifle olhando apenas por uma lente. 5 tiros foram o suficiente para abrir caminho por ali.

Ficamos os dois no alto daquela torre dando apoio um ao outro. Enquanto Sete, com o binóculo, me mostrava onde estavam os alvos, eu atirava abrindo espaço para outras tropas passarem.

Ao fim do dia, toda minha munição acabou, mas 1 minuto depois ouvimos o último tiro do combate. A cidade pertencia agora à raça humana.

Mantemos nossas posições no alto da torre, e usamos o tempo para nos conhecermos melhor. Sete insistia que me conhecia de algum lugar, mas não tinha ideia de onde. Eu me debruçava na amurada daquela torre na tentativa de ver as estrelas, mas era inútil. Algo de muito estranho havia ocorrido com os astros.

Dormimos ali e no dia seguinte descemos até a praça. O nível de destruição era enorme e dava a forte impressão de que o lugar era irreparável. Uma fraca névoa pairava sob nossos pés e o cheiro de queimado era tão forte, que tínhamos tonturas a todo momento.

Caminhamos pela cidade enquanto seguíamos o som da voz do general Number, que rasgava o grande silencio que se fazia. Estava no centro da cidade fazendo seu discurso em bom inglês.

Segundo suas palavras, a batalha do dia anterior, 9 de abril de 2752, ficaria conhecida como A Batalha de São Petersburgo. Suas palavras encorajavam todos os sobreviventes a seguirem em frente. Não podíamos desistir agora, mas era difícil manter esta ideia na cabeça daqueles que haviam passado pela Batalha de São Petersburgo. Se aquela luta havia sido tão difícil, como tomaríamos Moscou? A cidade provavelmente estaria com suas defesas reforçadas. Muitos consideravam suicídio a investida contra a capital robótica.

Apesar da noite de sono, eu ainda não havia me recuperado totalmente do dia anterior e o cheiro que estava no ar não me ajudava nem um pouco a melhorar. Sete também parecia sonolento e mal conseguia levantar seu rifle. A arma arrastava o cano no chão e ofereci-me a levá-lo para ele, que aceitou imediatamente.

Passamos o resto do dia naquela cidade enquanto o general Number cuidava de alguns assuntos com o capitão Hoppus, líder do contingente que ocupava São Petersburgo.

Após as negociações, saímos de lá com mais água e comida e com um reforço de mais 300 soldados. Mas infelizmente, todos os carros e tanques foram avariados durante a batalha e tivemos de seguir a pé.

Entre os 300 soldados de reforço, estava Sete. Foi bom finalmente ter alguém com quem conversar durante a viagem, e o baixinho de cabelo castanho fazia-o muito bem. Nos dias que se passaram, Sete falava desde o

primeiro minuto até o ultimo do dia. Seus assuntos abrangiam muitas coisas, como política, jogos, literatura, arte, história... Mas falava de tudo isso sem perder seu jeito de adolescente (pois realmente era um).

Os dias passavam rapidamente por nós e nem notávamos. As vezes nos perguntávamos se o mundo estava mesmo em guerra. Não encontrávamos nada a nossa frente a não ser pequenas cidades tomadas pelos humanos, nas quais éramos muito bem recebidos.

A esta altura do percurso, eu e Sete tínhamos uma ligação incrível. Era como se o garoto fosse meu irmão mais novo, apesar de ser fisicamente diferente de mim. Em nossos dias de conversas, contei à ele minha história até ali. Falei sobre o acidente, o hospital, Deidara, a viagem e tudo mais, e enquanto eu lhe contava minhas aventuras ele ouvia e fitava-me atento a cada palavra. Seus fixos e brilhantes olhos claros abriam as janelas de sua mente e me permitiam saber que ele estava tentando imaginar cada momento de minha jornada.

Sete também contou-me sua história sobre como teve Mal de Amparo (doença de seu tempo) e teve de ser congelado até acharem a cura. O jovem foi curado após o descongelamento e posto em combate. Após 3 meses lutando para sobreviver nas ruas de Copacabana, Sete e seu grupo foram para a Finlândia, onde foi repostado em combate. Apesar de sua experiência no campo de batalha, o garoto nunca gostou de combate direto, sendo sempre o inteligente da equipe, devido a isso, disparou apenas 5 tiros desde que chegou ao futuro (sendo 2 deles na Batalha de São Petersburgo).

Capitulo X

O Cerco de Moscou

Passados 15 dias de que saímos de São Petersburgo,
chegamos a Mytisci, a cidade do livro Revolution O'

Matchn, a cidade do início, onde toda a guerra começou. Eu esperava uma grande concentração de máquinas neste lugar, afinal, foi lá onde começaram as revoltas, mas para minha surpresa, a cidade estava completamente abandonada.

Caminhamos pelas suas ruas sem dizermos absolutamente nada. Nossos passos eram a única coisa que interrompia o silêncio que se fazia. A cidade estava destruída e um frio vento corria por suas esquinas. Aquilo nos arrepiava e tínhamos a impressão de que a cidade nos dizia para irmos embora. A cidade do início estava morta mas sua alma ainda não descansava.

Passamos rapidamente por aquele local amaldiçoado pelo destino. Em alguns lugares, ainda se viam restos esqueléticos dos humanos que morreram ali. Pobres almas que não tiveram se quer um julgamento antes de serem condenadas. Afinal, nem todos os homens são iguais, mas aqueles foram mortos pelo simples crime de serem humanos.

Levamos algumas horas para sairmos daquele lugar, mas após sairmos, sentimos uma mudança enorme. Dentro da cidade havia uma energia... Algo negativo e mórbido, que fazia tremer de medo até o mais corajoso dos homens. Logo após sairmos de Mytsci, Sete reiniciou seu habito de falar. Ouvi-o durante os dias que se passaram a seguir e na manhã do décimo dia, sua voz se calou repentinamente. Estranhei o silêncio do garoto e ao olhá-lo, notei que fitava algo com um sorriso no rosto, e ao olhar, vi ao longe um acampamento que se estendia até onde a vista alcançava.

- Estamos em casa... - Disse o Capitão ao por a mão em meu ombro.

Depois de tanto tempo de caminhada pela Rússia, havíamos chegado ao nosso destino. Estávamos no Humm Campa (Acampamento Humano) e além do acampamento estava Moscou, nosso objetivo.

Fomos muito bem recebidos no lugar. Ganhamos água, comida e foi dada uma barraca para cada um, e por uma

grande coincidência, Sete pegou uma barraca ao lado da minha. Apesar disto, o garoto deu uma trégua em seu falatório e dormiu logo que entrou em sua barraca, e eu aproveitei o silêncio para fazer o mesmo.

Acordado no meio da noite pelo som do zíper de minha barraca se abrindo, levantei-me de imediato e quase pus tudo abaixo com uma cabeçada no teto da tenda. Sem me preocupar com isso, olhei imediatamente para o zíper e vi que quem o abria era Sete.

- O Capitão mandou chama-lo, ele vai dizer os planos de invasão. - Dizia o jovem enquanto me olhava fixamente. Agradei pelo recado e calcei meus velhos tênis All Stars. Saí da barraca e vi que Sete me esperava do lado de fora. Segui-o até a fogueira da qual o Capitão se reuniu com o grupo.

Além do Capitão, um ruivo barbado, de porte atlético e olhos cinzentos estava, junto com Ikke em volta da fogueira. Era uma noite muito fria, típico do clima da Rússia. Ao longo do acampamento, muitas fogueiras estavam acesas. Algumas eram usadas como a nossa, para pôr em pauta os planos de invasão, mas outras eram usadas apenas para esquentar alguns amigos de bebedeira. O álcool parecia não fazer falta no lugar, de alguma forma. Em alguns cantos, os homens haviam trocado a água pela vodka.

Sentei-me em frente à fogueira e comecei a ouvir o que o Capitão tinha a dizer. Aparentemente, o homem ruivo falava cruzlano, pois o Capitão disse tudo neste idioma. Não era surpresa para mim o fato de Sete também entender esta língua, pois, mais inteligente do que o jovem, eu vi poucos em minha vida.

Aparentemente, nossa equipe fora encarregada inicialmente de tomar e proteger uma escola perto dos limites da cidade. Eu estava apreensivo e temeroso. Todos com quem eu havia feito grande amizade até então estavam mortos, o que seria de Sete nesta batalha? Eu não suportaria a morte de outro amigo, ainda mais sendo tão

jovem e que compartilhava comigo a experiência de criogenia. Seria uma perda muito grande, não só para mim, mas para toda a humanidade. Um jovem inteligente como ele seria de grande ajuda para a reconstrução do mundo após a guerra. Sentia-me na responsabilidade de protegê-lo, considerava-o como um filho para mim.

A noite passou e o dia seguinte veio como uma navalha do destino. Minha garganta estava seca naquela manhã e nada parecia ter a capacidade de molhá-la.

Juntos a um exercito, nossa equipe marchou para perto da fronteira em completo silêncio. Juntamo-nos ao resto dos exércitos as 10:35 hrs e cercamos a cidade.

Invadimos o lugar sem urrar grito algum, pois sabíamos que aquilo não amedrontaria nossos inimigos sem coração. Muitos de nós estavam apavorados, e em alguns se podia ver o medo estampado no rosto. Corri junto ao Capitão e seguimos rumo a escola. Já havíamos invadido boa parte de Moscou, mas nem um robô havia sido visto ainda.

As ruas desertas da cidade eram testemunhas dos rápidos passos de homens confusos. Ao tomarmos a escola e vermos que estava abandonada, e junto dela, os arredores da cidade, nos foi dada a permissão de seguirmos em frente. Saímos do local em passos rápidos, e já tínhamos a pequena esperança da cidade estar vazia. Entramos mais na grande Moscou, e entre nossos passos rápidos por suas ruas e estradas, ouvimos, por volta das 10:50 hrs, o som dos primeiros tiros da batalha, ao longe de nossa

localização. Meu coração saltou em disparado e minha garganta novamente secou. Eu temia, não por minha vida, mas pela de Sete. O jovem podia ser experiente, mas não atirava bem e estava vulnerável em um combate como este. Eu não estava em condições muito melhores que as dele, mas estava disposto a dar minha vida pelo garoto.

Seguimos correndo para o centro da cidade enquanto ouvíamos o som dos tiros ficarem mais altos. Finalmente as 11:00 horas, chegamos ao local da batalha. Minhas mãos tremiam enquanto chegávamos à Praça Vermelha. Os

tiros passavam para todos os lados e era difícil ver quem era inimigo ou aliado.

Ficamos quietos em nosso esconderijo dentro de uma cratera no chão. Não atirávamos, pois não sabíamos onde estava o inimigo. Apenas Ikke observava a batalha com um binóculo e nos contava o que ocorria. Admirei-me de ver que ele não foi, sequer atingido de raspão.

Nossas forças não conseguiam avançar e, aparentemente aquela batalha estava perdida.

Sete parecia pensativo e se mostrava calmo diante da situação. Eu não conseguia acreditar que o jovem estivesse bolando um plano até ele dizer algumas palavras para o Capitão.

Impaciente por estarmos presos naquele buraco, pus meu rifle para fora e sem nem mesmo olhar, atirei para o outro lado da praça. O homem ruivo me acompanhou em minha investida, mas após atirmos por 5 minutos, nos cansamos e desistimos. O Capitão e Sete pareciam discutir um plano de ataque, mas toda tentativa acabava com a descoberta de uma falha.

Sobrevivemos por mais 1 hora naquele lugar, até notarmos uma diminuição na quantidade de tiros.

Ao sinal do Capitão, saímos da cratera e avançamos junto a outras equipes que sobreviveram.

Uma densa fumaça branca cobria a praça e tornava difícil ver nossos inimigos, mas ao atravessarmos aquela nevoa, vimos Number e sua equipe atirarem no ultimo sentinela, tornando oficial a tomada de Moscou.

O grito de comemoração dos homens foi tão alto, que parecia ter ecoado por toda a Rússia. Os bravos homens de Number haviam feito o impossível. Moscou era novamente uma cidade conquistada pelos humanos.

Aparentemente Number e suas tropas invadiram Moscou pelo outro lado da cidade, encontrando toda a concentração de máquinas pelo seu caminho (motivo pelo qual demorou para chegar na Praça Vermelha) e pegando assim, as máquinas pelo outro lado, cercando-as.

Capitulo XI

A Máquina de Realidades

Apesar daquela grande vitória, muitos dos que entraram em Moscou conosco, não comemoravam junto. O número de baixas foi absurdamente grande. Dos 5000 soldados que invadiram a cidade, apenas 2271 sobreviveram a batalha.

Aquilo era mais do que a metade, e deu-me um incrível aperto no peito ao saber da notícia.

Por mais nobre que seja a causa, a guerra sempre causará a dor para alguém. Ela não é justa pra quem perde e nem pra quem ganha, pois mesmo os vencedores, sempre terão suas perdas.

Após o fim da batalha, 30 minutos, para ser mais exato, dois batedores chegaram até a Praça Vermelha. Uma guerra entre a alegria da vitória e a dor da perda assolava o coração dos homens que retiravam os corpos do campo de batalha, quando eles chegaram. O relatório que os batedores traziam era a ultima esperança para mim e para Sete. Segundo o relatório, uma unidade de nosso exército havia encontrado dentro da Catedral de São Basílio, uma espécie de laboratório com todos os tipos de máquinas extraordinárias. Quem sabe se haveria uma máquina do tempo por lá?

Number, ao saber de tal lugar, ficou pensativo por um instante, mas logo olhou a sua volta, para os muitos olhos curiosos que o fitavam naquela multidão. Em seu olhar, pude perceber uma certa dúvida, como se pensasse no que faria com este lugar, como se considerasse a ideia de destruí-lo.

Após alguns segundos de reflexão, o homem optou por explorar o lugar.

Chamou seu homem mais confiável, o Capitão, e nomeou-o chefe de sua guarda pessoal. O Capitão era agora o principal guarda-costas de Number, e sua equipe, consequentemente, era parte da guarda. Eu me tornei um guarda costas em alguns minutos e nem sequer sabia atirar.

Apesar da promoção do Capitão, nenhum aplauso foi escutado no local, pois todos estavam apreensivos para saber o que Number decidira.

O general logo pôs a mão no ombro do Capitão e lhe deu sua primeira missão em seu novo cargo. Nós teríamos que acompanhá-lo na exploração da Catedral. Aparentemente,

Number temia a presença de algum robô escondido no local. O Capitão aceitou imediatamente a missão e juntos, seguimos os batedores pela cidade.

Moscou parecia ter sido devastada por um tornado. A destruição era maior do que a de qualquer uma das outras cidades pelas quais eu havia passado. As máquinas pareciam não ligar para as construções, pois não reconstruíram um tijolo sequer.

O silêncio durante o trajeto era inquietante, nem mesmo Sete falava. A batida dos nossos passos no chão, compunha a trilha sonora daquele estranho clima de suspense, até que em fim chegamos à catedral. Sua bela arquitetura, por incrível que pareça, se mantinha intacta. Aparentemente as máquinas mantiveram este lugar a salvo para criarem suas invenções estranhas.

Dois soldados guardavam a entrada do lugar quando Number exigiu ver o laboratório. Adentramos apenas o general e sua guarda, deixando os batedores na entrada. O lugar parecia mais um supercomputador do que uma catedral. Suas paredes haviam sido revestidas com todos os tipos de botões e luzinhas. Seguimos por um corredor escuro até acharmos uma alavanca, que serviu para abrir uma porta que curiosamente se encontrava no chão. Abrimos tal porta e descemos por uma escadaria durante o que me pareceram 5 minutos, mas ao olharmos nossos relógios, vimos que apenas 1 minuto havia se passado. Ao fim da escadaria, encontramos uma sala bem iluminada, na qual tivemos uma grande surpresa. Uma gigantesca tela nos mostrava o mapa do globo. Vimos que haviam pontos vermelhos piscando por quase todo o mundo, e Sete logo proferiu sua primeira palavra desde que havíamos saído da Praça Vermelha.

- Isto é...uma rede global de rastreamento. General, desta sala, podemos saber onde estão todas as máquinas do

mundo. Poderíamos armar emboscadas entre outras coisas.

Muitas outras coisas.

O general olhou imediatamente para o Capitão esperando deste uma tradução do que o jovem dissera. Sete estava tão impressionado com o que via, que nem se lembrou que

Number não falava português.

Enquanto o Capitão traduzia as palavras do jovem Sete, observei que além da tela, no canto da sala, havia uma estranha máquina. Caminhei vagorosamente em sua direção enquanto a examinava com os olhos. Se parecia muito com aqueles detectores de metal dos aeroportos de hoje em dia. Uma porta da qual se podia ver a parede do outro lado. Senti um inexplicável arrepio ao chegar mais perto. Era como se houvesse algo de sobrenatural com aquela porta. Me aproximei com cuidado até chegar a 3 passos da máquina, quando notei que não havia mais uma parede do outro lado, mas sim, uma estranha luz branca.

Por algum motivo estranho, senti vontade de adentrar à porta. Nada estava em minha cabeça agora, apenas a curiosidade de saber o que havia do outro lado. Caminhei sem pensar e passei pela porta.

Fui tomado de imediato por uma forte dor de cabeça e ouvia um zumbido extremamente irritante. À minha volta, tudo era o nada, uma imensidão de branco. Atrás de mim, a porta havia sumido. Senti imediatamente uma raiva de mim mesmo, por passar por aquela porta. Apesar de não ver o chão, senti um forte tremor abaixo de meus pés. Eu não conseguia respirar e meus ossos doíam muito neste momento. Fechei os olhos e tentei resistir àquela experiência horrível e, após alguns segundos, o zumbido em meu ouvido se mostrou ser a buzina de um carro, coisa que estranhei logo de cara e abri os olhos. Nenhum dos sintomas anteriores me assolava mais, apesar de ainda ter uma fraca dor nos ossos. Ao abrir os meus olhos, notei que me encontrava em um beco escuro, e que à alguns passos de mim, havia uma luz. Andei em sua direção e vi uma estrada, com carros que se moviam com rodas. Nas

calçadas, algumas pessoas caminhavam e nada estava destruído. Abordei um homem que passava de terno e gravata e perguntei-o:

- Que dia é hoje?

- 22 de janeiro de 2013... depois de Cristo. - Respondeu-me o homem, com seus olhos arregalados a me fitar.

Quase não acreditei no que ouvi, mas entendi imediatamente o que havia ocorrido. Eu havia voltado para minha época. Aquela porta era uma máquina do tempo, afinal.

Larguei o homem e olhei a minha volta, e reconheci imediatamente as ruas da Zona Sul da cidade. Lembrei-me de Emanuele, e corri para vê-la. As ruas eram familiares e eu sabia que não estava muito longe de Elói, mas após algum tempo, estranhei não encontrar meu bairro. Em seu lugar, havia uma grande montanha da qual chamavam Pedra da Gávea.

Epílogo

Achando que havia voltado no tempo, corri para procurar minha casa, porém encontrei apenas um monte. Sem ter para onde ir, tratei de arrumar um emprego bem rápido, e meu chefe teve a bondade de me deixar morar no hotel onde fui trabalhar. Todas as noites eu penso no que acontecera comigo. Observo sempre a única coisa que me faz saber que não foi um sonho: A mascara que Deidara me dera. Fico imaginando se os humanos conseguiriam destruir todas as máquinas, se descobriram o que havia ocorrido comigo. Penso muito em Sete, imagino se ele teria se dado bem naquele mundo de 2752.

Ontem pensei na minha viagem “de volta” para cá e cheguei à conclusão de que a porta pela qual eu passei era uma Máquina de Realidades e não uma Máquina do Tempo. Eu não voltei para minha época, mas fui para uma realidade alternativa onde se vivia ainda em 2013. Onde não existia Elói, mas sim Pedra da Gávea.

Emanuele...Por muitas vezes penso nela. Será que existe neste universo? E eu? Será que existe um outro eu andando por aí? É assustador pensar que eu posso dar de cara comigo mesmo na rua. Por sorte nunca o fiz.

Buscando um jeito de não precisar morar para sempre neste hotel, escrevi minha história neste livro, que pode ser por muitos, considerada como ficção científica, apesar de ser verdade.

No fim, Emanuele tinha razão: Aquela caminhada me deu toda a história da qual eu precisava.